

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

A “batalha historiográfica”¹ entre Oberacker, Freyre e Buarque de Holanda: o início de uma convergência sobre o teuto-brasileiro

André Fabiano Voigt*

Resumo: O presente artigo pretende analisar a discussão entre Carlos H. Oberacker Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre sobre as populações teuto-brasileiras na década de 1950 no Brasil.

Palavras Chave: historiografia – teuto-brasileiro – ciências humanas.

Abstract: This article aims to analyze the discussion between Carlos H. Oberacker Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre about the German-Brazilian populations, in the 1950's in Brazil.

Key-words: historiography – german-brazilian – human sciences.

Apesar de haver uma disseminação de estudos acerca do teuto-brasileiro na década de 1950, o trabalho acadêmico que mais impulsiona a integração do teuto-brasileiro à constituição da história nacional é o de Carlos Henrique Oberacker Junior, cujas conclusões acabam por alcançar opiniões positivas por parte de estudiosos consagrados pelas suas grandes interpretações sobre a formação do Brasil, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Oberacker estratifica elementos discursivos, de modo a tornar teuto-brasileiro *visível e enunciável* como parte atuante na constituição da nacionalidade brasileira, e não mais como elemento alienígena e desintegrador da unidade nacional.

A seguir, analisar-se-ão os rastros pelos quais o autor enfatiza a relevância do teuto-brasileiro na formação do país, bem como as interações que este pesquisador estabelece com os chamados “intérpretes do Brasil”.

*

Carlos Henrique Oberacker Junior, nascido no Rio Grande do Sul, estuda Teologia na Alemanha na década de 1930, onde publica em 1936 sua tese, *Die volkspolitische Lage des*

¹ Utilizo o termo “batalha historiográfica”, empregado pelo historiador José Murilo de Carvalho em seu livro *A Formação das Almas*, por acreditar que este termo dá uma noção mais apropriada dos embates intelectuais em torno da discussão sobre o teuto-brasileiro, iniciada na década de 1940. (CARVALHO, 1990: 57)

* Doutorando em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Deuschtums in Rio Grande do Sul [A situação étnico-política no germanismo no Rio Grande do Sul]. Seus argumentos foram, conforme René Gertz, “fundamentais para a determinação de algumas posturas – sobretudo de intelectuais brasileiros – frente às regiões de colonização alemã no sul do Brasil” (GERTZ, 1991: 37).

Oberacker afirma idéias como a seguinte, comentada por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Cobra de Vidro*, publicado em 1944: “a brasilidade independe da etnia lusa. Se os negros e índios se deixam lusitanizar, isto é de sua conta.” (OBERACKER, 1936: 88-89 apud HOLANDA, 1978: 76). Além de ter chamado a atenção de Sérgio Buarque por suas afirmações contundentes a respeito do conceito de brasilidade, Gilberto Freyre – defensor da filiação lusa da cultura brasileira – também redige um livro, intitulado *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira* (FREYRE, 1940), respondendo categoricamente contra os argumentos do chamado Grupo de Trabalho Teuto-Brasileiro (*Deutschbrasilianischer Arbeitskreis*), no qual Oberacker é um dos seus fundadores, juntamente com Carlos H. Hunsche e até mesmo Lindolfo Collor, ex-ministro do Trabalho, Indústria e Comércio durante o primeiro mandato de Getúlio Vargas (GERTZ, 1991: 37-38). Assim, Oberacker inicia um acirrado debate a respeito do papel dos imigrantes alemães e descendentes no país.

De qualquer forma, dá continuidade a suas pesquisas – iniciadas ainda na década de 1930 – e, em 1955, publica um livro que será considerado, desde o seu lançamento, uma referência acerca da contribuição do “teuto” para a formação do Brasil: *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*, o qual é traduzido em 1968 para o português, sob o título: *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*.

Apresentado em sua primeira edição por Sérgio Buarque, este livro ganha, como que num ritual de beija-mãos, a porta de entrada para o debate acadêmico em torno da contribuição germânica à formação do Brasil.

Sérgio Buarque, em sua apresentação, expõe que, mesmo sendo a proporção numérica de imigrantes alemães no Brasil relativamente inferior a de outras etnias, sustenta que “este fato mal nos pode dar a medida precisa da importância qualitativa de sua contribuição” (OBERACKER, 1968: 19). Observa que os estudos anteriores ao de Oberacker possuíam um caráter “fragmentário e monográfico”, levando alguns destes estudiosos à “ambição paralela dos que se aferram com exclusivismo a uma análise puramente microscópica” (OBERACKER, 1968: 20). Assim, Sérgio Buarque elogia o trabalho de Oberacker, afirmando que:

Não se trata, aqui, apenas, como se poderia supor, de traçar a evolução das colônias alemãs estabelecidas no Brasil, a partir dos anos que se seguiram a nossa emancipação política, mas sim de investigar a atuação de elementos germânicos a contar das épocas que se seguiram ou mesmo que antecederam longamente ao próprio descobrimento do Brasil e da América.

Nem é seu intento deter-se apenas no estudo dos descendentes de alemães que, longe de sua terra de origem, puderam preservar intactos os legados de sangue e cultura dos seus avós, mas considerar a própria evolução brasileira, em suas diferentes fases, na medida em que foi afetada e, muito possivelmente, fertilizada pela ação de indivíduos de estirpe germânica (OBERACKER, 1968: 20-21).

Ao afirmar as características diferenciais do trabalho de Oberacker, Sérgio Buarque quer enfatizar que o livro não faz apologia de um grupo específico – como o “teuto-brasileiro” – mas sim, que aborda uma ampla trajetória da influência de germânicos na formação nacional brasileira. Destarte, na visão do apresentador, não estaria apoiando uma pesquisa que realça um exclusivismo cultural, uma vez que este não seria, a princípio, o foco principal de Oberacker neste livro. O autor da publicação faz questão de sustentar, em uma despretensiosa nota de rodapé na apresentação de Buarque de Holanda, que seu trabalho é “apolítico”, o que o teria levado a usar o termo “teuto” ou “germânico”, em vez de “alemão” (OBERACKER, 1968, p.22). No momento em que afasta qualquer eventual tendência política de seu livro, além do apoio intelectual recebido de Sérgio Buarque de Holanda, consegue inserir o “teuto” como uma tipologia visível e dizível para a historiografia brasileira. Nota-se a preocupação em separar completamente a “esfera da cultura” de qualquer outra produção de sentido, fazendo com que, dentro do campo enunciativo das ciências humanas, seja possível estabelecer definitivamente a inclusão do “teuto” – e, por conseguinte, do “teuto-brasileiro” – na história brasileira.

Nos prolegômenos de seu livro, Oberacker reforça alguns argumentos anteriormente expostos por Sérgio Buarque. Em primeiro lugar, defende que:

Os historiógrafos brasileiros expõem, geralmente, a nação brasileira como uma realização dos portugueses, dos aborígenes e dos africanos. Que, além dos portugueses, tenham participado no desenvolvimento nacional brasileiro outros povos europeus, máxime alemães, espanhóis, italianos, franceses, ingleses e judeus é fato tão seguro que não é admissível de ser posto em dúvida, como efetivamente não o é (OBERACKER, 1968: 27).

Neste ponto inicial de seu trabalho, o autor parte do questionamento da história brasileira fundamentada nas “três raças”, retomando o debate historiográfico estabelecido desde o início do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passando pela análise de Gilberto Freyre, em seu livro *Casa Grande & Senzala*. A partir desta inquirição, Oberacker

reivindica a necessidade de revisão historiográfica. No entanto, chama atenção particular para a contribuição do “teuto”, uma vez que o autor está interessado sobremaneira em sua inclusão na historiografia nacional brasileira. Tal interesse é facilmente observável, quando sustenta que os estudos realizados, até aquele momento, das contribuições de outros imigrantes não-portugueses, são “limitados a descrições superficiais relativas a individualidades isoladas, ou são restritas a zonas determinadas” e que sua proposta, ao escrever seu livro, seria de “evidenciar o trabalho dos teutos no Brasil de um novo ângulo, isto é, do ponto de vista do surgimento da nação brasileira” (OBERACKER, 1968: 27-28).

Já na introdução, Oberacker levanta o mesmo problema, partindo, entretanto, de um enfoque mais acadêmico. Desta vez, inicia afirmando que a historiografia brasileira teria sempre equiparado “a formação da nação com o processo do caldeamento das raças, ou, pelo menos, admitindo-lhes interdependência acentuada”, argumento que contrapõe ao dizer que o Brasil “constitui justamente o exemplo da acentuada desconexão entre caldeamento de raças e formação de uma nação” (OBERACKER, 1968: 33-34). Este argumento pode ser muito útil, na medida em que permite classificar de *brasileiros* todo um conjunto de imigrantes alemães e descendentes, estabelecidos em colônias no Sul brasileiro, os quais não teriam passado por um amplo processo de miscigenação com o português, com o indígena ou com o africano.

Deste modo, tornar-se-ia natural a constatação da existência objetiva de populações “teuto-brasileiras”, ainda que isoladas politicamente, garantindo o seu salvo-conduto para o interior do sentimento de identidade nacional brasileira.

Além disso, defende que o processo de formação nacional não é um fenômeno *natural*, mas *histórico*, como decorrência do agir humano. Ao mesmo tempo, contudo, procura afirmar que a participação do índio e do negro à formação da nação brasileira foi mais de ordem passiva, chegando a colocar que os aborígenes brasileiros não apresentavam capacidade política (OBERACKER, 1968: 34).

Adiante, enfatiza que o termo “contribuição teuta ou germânica” não significa a influência da filosofia alemã no desenvolvimento brasileiro, tampouco a participação do *Reich* alemão no mesmo processo (OBERACKER, 1968: 38). Desta maneira, como tem sido recorrentemente defendida ao longo destes estudos, a separação da “esfera da cultura” de sua realidade política é insistentemente reafirmada, de modo a desinvestir na identificação destas pesquisas com qualquer eventual relação com o *Terceiro Reich* alemão. Isto também é observável quando o autor diz ser o conceito de “*reichsdeutsch*” uma noção política não aplicável em estudos como o seu, de modo que, ao invés do conceito de *alemão*, preferem-se as noções de *germânico* ou *teuto* (OBERACKER, 1968, p.39). Não obstante, ambos conceitos

– alemão e teuto – são igualmente representados no idioma alemão pela palavra *Deutsch*, que é costumeiramente traduzida para o idioma português como “alemão”. Parece que a escolha do termo mais oportuno que traduzisse a palavra *Deutsch* seria de fundamental importância para abrir as portas rumo ao reconhecimento intelectual no meio acadêmico brasileiro da década de 1950.

Ao longo dos vários capítulos de seu extenso livro, demonstra a preocupação constante de construir heróis germânicos para um país que viveria assolado pelo atraso de seu passado colonial luso. Desde Hans Staden, que teria pisado em solo brasileiro em 1550, até os fundadores da empresa de transporte aéreo VARIG, de ascendência alemã, Oberacker compõe um conjunto de *biografias de teutos célebres*, os quais foram de reconhecida importância na história brasileira. Nota-se que a forma da biografia é um recurso historiográfico interessante para convencer todo um grupo de intelectuais acerca da necessidade de integração do teuto à escrita da História do Brasil. Ademais, expõe verdadeiros preciosismos, como a constatação que o próprio termo *Brasil* seria de origem germânica – oriundo do verbo germânico *brasen*, que significa ficar ou fazer rubro, queimar, incandescer (OBERACKER, 1968: 53-56), ou quando sustenta que os primeiros europeus que pisaram em solo americano foram os germânicos do Norte (normandos), que teriam chegado à Groenlândia no ano de 985 da era cristã (OBERACKER, 1968: 45-46).

Na parte em que aborda a contribuição teuta para o Brasil imperial, trabalha na construção de um mito recorrentemente citado na atualidade pelas fundações ligadas à cultura alemã no Brasil: D. Leopoldina de Habsburgo. O autor defende que D. Pedro, devido ao fato de ter acompanhado seus pais em tenra idade ao Brasil, “onde ficou homem sem educação disciplinada, sem instrução regular e sem os fundamentos de formação cultural”, teria formado no então príncipe regente um “caráter indeciso”, sem “influências benéficas”, tendo como agravante “as qualidades hereditárias da parte de sua mãe, uma exaltada infanta espanhola” (OBERACKER, 1968: 181). D. Leopoldina, pelo contrário, “criara-se em uma grande cidade sumamente culta e teve uma aprimorada educação”, portadora, conforme Oberacker, de uma “feminilidade lididamente germânica” (OBERACKER, 1968: 181). Esta caracterização contrastante dos dois personagens do Primeiro Reinado brasileiro é muito hábil para afirmar que caberia somente a D. Leopoldina a árdua tarefa de ser a incentivadora do processo de independência do Brasil e do início de uma política de colonização estrangeira nas províncias meridionais do país.

Quando aborda a contribuição “teuta” na cultura e ciências no Brasil imperial, cita um conjunto de anotações biográficas de vários viajantes que teriam impulsionado o

conhecimento científico nacional, como Langsdorff, Eschwege, Freyreiss, Sellow, Maximilian von Wied-Neuwied, von Martius e von Spix, além de artistas, como Rugendas, Neukomm e Thomas Ender. Esta preocupação de Oberacker em reunir um conjunto de heróis “teutos” teria, por sua vez, o seu maior representante em um “filho de mãe teuta”: o imperador D. Pedro II. Em algumas páginas dedicadas a ele, o autor faz a curiosa afirmação:

O estadista D. Pedro II, que durante toda a vida se punha em situação de superioridade às tricas da política partidária, foi precipuamente o grande mestre e educador de seu povo politicamente não educado e de ideais inconstantes (OBERACKER, 1968: 292).

Não obstante, na época de D. Pedro II enfrentar-se-ia um problema central na formação brasileira: a questão da escravatura e da imigração, de modo que as iniciativas de colonização alemã nas províncias meridionais do país seriam as responsáveis por um novo impulso para o desenvolvimento nacional. Um exemplo de tal impulso, nas palavras do autor, seria a província de Santa Catarina que, até meados do século XIX, era “uma terra quase deserta, que, em grande parte, e até o litoral, era dominada pelas hordas de bugres xucros” (OBERACKER, 1968: 304).

Como parte indispensável de seu livro, não poderia deixar de ser mencionada a biografia de Hermann Bruno Otto Blumenau, o qual seria, segundo Oberacker, “um dos maiores colonizadores de toda a América Meridional” (OBERACKER, 1968: 304). O autor chega a defender que:

A colônia do Dr. Hermann Blumenau, [...] é considerada como a colônia mais perfeita em todo o Brasil. Efetivamente, e com razão, o nome Blumenau entrou para a História, consubstanciando a quinta-essência do que seja a obra germânica de pioneiro e de cultura (OBERACKER, 1968: 305).

É claro que, além da canonização historiográfica de Hermann Blumenau, o autor se ocupa de publicar alguns traços biográficos de outros heróis “teutos” para a história brasileira do século XIX, como Júlio Frederico Köler (co-fundador da colônia alemã de Petrópolis), bem como Guilherme Schüch (Barão de Capanema), Carlos Koseritz, e o próprio Conde d’Eu, filho de princesa alemã da casa de Coburg-Gotha.

Já na parte em que aborda a contribuição teuta no setor cultural, o autor retoma o debate a respeito da instrução em escolas de idioma alemão no Brasil até o período getulista. Oberacker chega a ponto de traçar um quadro praticamente épico da trajetória que os colonos alemães passaram para garantir a instrução dos filhos nas colônias. Como novamente o Estado

brasileiro teria deixado os imigrantes alemães entregues a sua própria sorte, os mesmos procuraram resolver o problema da falta de escolas, “para não consentir que seus filhos permanecessem na ignorância crassa e na absoluta falta de instrução” (OBERACKER, 1968: 462). Cita um poeta teuto-brasileiro, que diz: “Onde estão teutos, escolas encontramos”, novamente estabelecendo a comparação que, enquanto na Alemanha a escola primária já era imprescindível, em Portugal não o era da mesma forma (OBERACKER, 1968: 462). Afirma, de acordo com estatísticas, que o Estado de Santa Catarina, devido ao fato de possuir escolas particulares organizadas por imigrantes alemães, era considerado, até o Estado Novo varguista, o Estado mais completo em estabelecimentos escolares no Brasil. Percebe-se o quanto Oberacker constrói uma outra versão sobre as “escolas alemãs”, diferente daquela realizada por Emílio Willems na década de 1940.²

No último capítulo de seu livro, o autor faz um arrazoado de considerações biográficas dos teuto-brasileiros de terem se destacado, nas últimas décadas, no setor cultural do país. São mencionados os nomes de Leo Waibel, como contribuição nas pesquisas geográficas, além de Emílio Willems e Egon Schaden, nas pesquisas etnológicas (OBERACKER, 1968: 477-500).

Finalmente, no epílogo de seu livro, Oberacker procura contrabalançar os argumentos expostos ao longo da publicação, com as seguintes frases:

Por isso, quer deixar esclarecido aos leitores, quiçá de espírito preconcebido, não pretender, de modo algum, superestimar o concurso germânico na formação brasileira. O seu estudo não presume ser senão uma pedra no mosaico na história geral brasileira. [...] O simples fato de existir uma contribuição teuta, desafia o seu estudo, apesar de ela, em conseqüência da própria formação histórica brasileira, não se poder equiparar à portuguesa (OBERACKER, 1968: 520).

Estes argumentos finais destoam de todo o escopo de seu livro, repleto de passagens que procuram desqualificar a contribuição portuguesa para a formação do Brasil, em favor da contribuição “teuta” para o país. Entretanto, a ressalva que faz em torno da importância do colonizador português na constituição do Brasil é argumento-chave para ser reconhecido pelos “intérpretes do Brasil”, cujos estudos enfatizam a filiação lusa da cultura nacional.

Carlos Henrique Oberacker Junior, que já expunha na década de 1930 argumentos de defesa de uma cultura “teuto-brasileira” em detrimento da importância lusa na formação nacional, emprega outro caminho para estabelecer seus argumentos no meio acadêmico nacional na década de 1950: constrói um verdadeiro “panteão teuto” para a história brasileira, reproduzindo a mesma escrita factual, linear e biográfica da historiografia tradicional. A

² Ver Willems (1940, 1980).

integração do teuto à escrita da história nacional não poderia ser realizada, de qualquer modo, sem a incorporação de um estilo historiográfico eivado de biografias, as quais narram, a partir de experiências individuais, a contribuição de todo um grupo, o qual deseja tornar visível. Se há, por um lado, uma característica apologética em seu livro, o estilo historiográfico adotado facilitou o reconhecimento de seus argumentos pela *intelligentsia* brasileira.

De qualquer maneira, com o apoio de Sérgio Buarque de Holanda ao livro de Oberacker, nota-se o início de uma *convergência* de opiniões entre estes dois pesquisadores, quinze anos após um debate mais acirrado a respeito da “cultura teuto-brasileira”, marcando a inserção de um novo personagem no palco da História do Brasil. No mais, seria apenas uma questão de tempo para que Gilberto Freyre mudasse seu ponto de vista acerca dos trabalhos de Oberacker e da contribuição teuta à formação da nação brasileira.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Uma Cultura ameaçada: a luso-brasileira**. Recife: Oficina do Diário da Manhã, 1940. 88p. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/discur1.htm>>. Acesso em 10 jan. 2005.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Cobra de Vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

OBERACKER JR., Carlos H. **A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira**. São Paulo: Presença, 1968.

WILLEMS, Emilio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2^a. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

WILLEMS, Emilio. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.